

# Sumário

---

Nota de tradução .....	8
Prefácio .....	11
Introdução .....	16
1. "Diga-me", o início .....	19
2. Três situações compartilhadas .....	23
3. Quatro modos de fala .....	29
4. Crianças são críticas? .....	36
5. Crianças sendo críticas .....	39
6. Comunicando de maneira respeitável .....	53
7. Por que "Diga-me"? .....	56
8. O que significa? .....	58
9. Como você sabe? .....	63
10. Selecionando o texto .....	70
11. Lendo o texto .....	81
12. Destacando .....	85
13. A estrutura das perguntas "Diga-me" .....	96
14. Cenas do "Diga-me" em ação .....	107
15. Jogos com "Diga-me" .....	134
Nota de encerramento .....	140
Referências .....	141
Sobre o autor .....	143

## Nota de tradução

---

A tradução da obra *Tell Me: Children, Reading and Talk* (*Diga-me: As crianças, a leitura e a conversa*), de Aidan Chambers (2011), para o português brasileiro se delineou ao longo dos estudos desenvolvidos com a obra de Chambers no âmbito das ações do grupo de pesquisa Lecturi, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), entre 2018 e 2019, a partir de um intercâmbio com a Universidade de Saragoza – Campus Huesca, especificamente com o grupo de estudos da professora Rosa Tabernero-Sala. Optou-se por fazer a tradução do texto em inglês, língua original da obra, e, em seguida, o cotejamento da tradução e da revisão com a versão traduzida para o espanhol, *Dime: los niños, la lectura e la conversación*.

Em 2018, um intercâmbio acadêmico entre a então doutoranda Raquel Pereira Soares, do programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFU, e a professora Rosa Tabernero-Sala, docente no Departamento de Didáticas de Línguas e de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Saragoza – Campus Huesca, possibilitou o estreitamento de laços

entre o grupo de pesquisa Lecturi e o grupo de pesquisa ELLIJ (Educación para la Lectura. Literatura Infantil y Juvenil y Construcción de Identidades). Ao tomar conhecimento das obras estudadas pelo grupo espanhol na área de Educação e leitura literária, literatura infantil e juvenil e na construção de identidades no discurso literário, desejou-se trazer para o público brasileiro mais uma possibilidade de prática metodológica para promover a educação literária.

Aidan Chambers foi professor de Inglês e Dramaturgia entre 1950 e 1960 em escolas secundárias da Inglaterra. A partir de 1968, tornou-se autor de ficção e promotor de discussões acerca de literatura e leitura. Possui um site oficial de divulgação de suas obras (<http://www.aidanchambers.co.uk/>), entre as quais se encontram livros de literatura, mas também livros acadêmicos sobre educação literária. Muitas de suas obras já foram traduzidas para diversas línguas. *Tell Me: Children, Reading and Talk (Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa)* está entre seus livros mais lidos e bem-sucedidos. Foi traduzido para sete idiomas, com edições especialmente adaptadas para os Estados Unidos (EUA), publicadas pela Stenhouse Publishers (CHAMBERS, 2020).

O livro escolhido para a tradução oferece informações práticas, fundamentadas em uma teoria claramente explicada sobre a leitura de livros literários na sala de aula, ao detalhar alguns dos processos e descrever regras básicas para as sessões de educação literária desenvolvidas por profissionais experientes. Apresenta um repertório de perguntas que ajudam os leitores a falar sobre sua leitura. Os pequenos leitores começam a compartilhar suas observações mais óbvias e logo acumulam um corpo de entendimento em que revelam o coração do texto e seu significado para todos. Este apresenta, com muitos exemplos práticos, o ambiente e as atitudes de um leitor literário. *Tell me* é mais uma ferramenta metodológica que dará suporte aos encontros dos alunos com os livros na escola e permitirá a eles que se tornem leitores atenciosos e dispostos, que gostam de ler.

Por esse motivo, assumiu-se que traduzir *Tell me (Diga-me)* e disponibilizá-lo para o público brasileiro era necessário e urgente. Optou-se pela tradução em colaboração. Os três membros da equipe possuem conhecimentos específicos nas áreas de língua estrangeira – a saber, o inglês e o espanhol –, de literatura e da proposta teórica de Chambers (2011). O texto-base da tradução

foi a obra publicada em inglês, primeira língua do autor, para garantir que não haja desvios de interpretação. Entretanto, entre as nove versões já publicadas em outras línguas, escolheu-se a do espanhol como elemento de cotejamento para a tomada de decisões no exercício da revisão.

A obra em inglês usada para a tradução é composta por dois livros: o primeiro é *The Reading Environment*, ainda sem tradução para o português brasileiro; seguido por *Tell Me: Children, Reading and Talk (Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa)*. Os volumes combinados foram publicados em 2011 pela editora The Thimble Press.

Desde suas primeiras publicações, o *The Reading Environment*, em 1991, e o *Tell Me: Children Reading and Talk (Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa)* são reimpressos e com frequência usados juntos. Logo, à luz do aniversário de vinte anos do *The Reading Environment*, foi decidido pelo autor que suas atualizações deveriam ser editadas em um só volume, ampliando e enfatizando suas conexões. É por isso que, em notas de rodapé, haverá algumas referências ao *The Reading Environment* da exata forma, como Chambers redigiu, conotado como Parte Um.

**Obra original:**

CHAMBERS, Aidan. *Tell Me: Children, Reading and Talk with The Reading Environment: How adults help children enjoy books*. United Kingdom: Thimble Press, 2011.

**Obra traduzida para cotejamento:**

CHAMBERS, Aidan. *Dime: los niños, la lectura y la conversación*. Traducción Ana Tamarit Amieva. México: FCE, 2007. Colección Espacios para la lectura.

# Prefácio

---

**H**á uma questão que une seres humanos das mais diversas origens: nós não conseguimos nos compreender completamente. Aqui, a arte em forma de literatura pode mostrar sua qualidade. Em diversos casos, um livro delicioso conhece-nos melhor que nós mesmos e é capaz de providenciar um relato – algumas vezes, mais preciso do que qualquer um que pudéssemos ter sido capazes de produzir – do que acontece em nossas mentes. Nas melhores histórias, temos a impressão de encontrarmos fragmentos de nós mesmos, evocados com rara nitidez e tenacidade. Chegamos a nos perguntar como o autor poderia ter conhecido certas coisas profundamente pessoais sobre nós.

É incrível perceber que quanto mais escritores lemos, mais cresce nossa compreensão de nossas próprias mentes e de nossa realidade. Todo grande autor pode ser saudado como um explorador de novos e misteriosos cantos do ser. Alguns exploradores descobrem continentes, outros passam a vida mapeando perfeitamente uma ou duas pequenas ilhas. Todos merecem ser festejados por corrigir a ignorância em que nós, de uma forma ou de outra, vagamos pelo mundo.

Não é apenas sobre nós mesmos que aprendemos por meio da leitura. É, também, sobre a mente de estranhos, especialmente, sobre os quais não conseguiríamos – no curso comum das coisas – aprender muito. Com novas perspectivas em mãos, aprendemos sobre uma vida familiar europeia, sobre ser um adolescente no Irã, sobre uma escola na Síria, ou sobre um casal apaixonado na época do xogunato japonês. Graças a tudo isso, temos uma oportunidade de ouro para nos poupar tempo e erro. A literatura acelera anos, pode nos conduzir por uma vida inteira em um dia e, assim, permite-nos estudar as consequências, a longo prazo, de decisões que – em nossa própria vida – ocorrem de forma lenta. Do grande herói que se sacrifica até o velho ranzinza que morre de solidão, a literatura consegue dar voz a todos os ensinamentos que esses personagens trazem em seu cerne. Ler uma história é o melhor simulador de realidade que temos; uma máquina que nos possibilita experimentar com segurança os cenários mais chocantes que, numa situação real, poderiam acarretar anos perdidos e perigos para obter uma sensação semelhante.

Fischer (1982, p. 9) propõe que “O problema principal da arte do nosso tempo, em que estala por todas as juntas a armadura do capitalismo, é criar uma ponte nova entre o povo e o artista – e por povo entenda-se todo mundo, todos os não artistas”. O autor tenta imprimir uma noção de arte voltada para a transformação mental e social humana, não importando a beleza, a quantidade de venda ou até mesmo a importância dada a ela no seu momento de divulgação. O cerne da arte está em uma conexão entre a visão de mundo do artista e seu público.

De forma frígida, podemos tentar entender a arte como a expressão ou aplicação da habilidade e imaginação humanas, tipicamente em uma forma visual como a pintura, escultura ou literatura, produzindo obras para serem apreciadas sobretudo por sua beleza ou poder emocional. Contudo, a beleza e a emoção são sensações demasiado dependentes da subjetividade. É impossível definir, com unanimidade, se há encanto ou aversão em uma obra voltada para mera apreciação, sem uma utilidade funcional aparente. É preciso estender o diálogo que aborda a essência da arte para além do romantizado senso comum do mero entretenimento e escape da realidade, desejado pelo ser humano, de sua rotina enfadonha ao sentir-se elevado a uma diferente realidade, presente somente no

mundo imaginário. Sobre a visão romântica, existente da arte, Fischer (1982, p. 13), procurando estabelecer um diálogo acerca da função da arte além do embelezamento para deleite do ser humano, escreve:

Essa definição da arte como o meio de tornar-se um com o todo da realidade, como o caminho do indivíduo para a plenitude, para o mundo em geral, como a expressão do desejo do indivíduo no sentido de se identificar com aquilo que ele não é, essa definição não será talvez demasiado romântica? Não será temerário concluir, com base no nosso próprio senso de identificação quase histérico como um herói de um filme ou de um romance, que seja esta a função universal e original da arte? Não conterà a arte, também, o contrário dessa perda dionisíaca de si mesmo? Não conterà a arte igualmente o elemento “apolíneo” de divertimento e satisfação que consiste precisamente no fato de que o observador não se identifica com o que está sendo representado e até se distancia do que está sendo representado, escapa ao poder direto com o que a realidade o subjuga, através da representação do real, e liberta-se na arte do esmagamento em que se acha sob o cotidiano?

Fischer não considera um ultraje a apropriação da arte como forma de divertimento. Ao contrário: é permitido ao público e ao artista divertirem-se com a breve fuga dos fatos habituais e manipular a arte para o entretenimento ou distração. Em outro parágrafo, Fischer (1982, p.14) aponta que, no momento da apreciação da obra, “[...] os laços da vida são temporariamente desfeitos, pois a arte cativa de modo diferente da realidade, e este agradável e passageiro cativar artístico constitui precisamente a natureza do ‘divertimento’, a natureza daquele prazer que encontramos até nos trabalhos trágicos”. Contudo, é também Fischer (1982, p. 18) quem afirma que “[...] a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente”. Caminhamos para a compreensão de que há algo na arte que a torna mais essencial ao ser humano que o entretenimento.

Arte é algo produzido por humanos, para humanos, e provoca transformações nas mais diversas dimensões. Apesar da negação de diversos autores em atribuir utilidade para obras artísticas, existem claras funções intrínsecas à arte

para uma sociedade. Nas palavras de Fischer (1982, p. 15), “[...] no mundo alienado em que vivemos, a realidade social precisa ser mostrada o seu mecanismo de aprisionamento, posta sob uma luz que devesse a alienação do tema e dos personagens”. A função de mostrar a realidade em sua forma crua, com o incentivo do despertar de sensações num público, já demonstra a incrível essencialidade da arte na sociedade contemporânea. O homem precisa da arte para conhecer e transformar sua realidade.

Assim como na pintura, escultura ou música, temos, na literatura, a expressão da arte em forma de linguagem. Um pintor usa tinta, um músico usa instrumentos musicais, um escultor usa pedra e cinzel e um escritor usa palavras, sejam elas escritas ou faladas.

É função do autor, como artista, descrever as realidades com a estética que lhe convém para demonstrá-la ao leitor. A literatura agrupa sabedorias ao demonstrar a natureza múltipla que é a cultura em seu todo. Isso nos lembrará de que pode haver contradições – às vezes, conflitos irreduzíveis – entre os valores que mais prezamos. Ao lermos uma obra-prima, temos o prazer de encontrar reflexões que desprezamos, alegrias e tristezas que havíamos reprimido e todo um mundo de sentimentos que havíamos ignorado.

A sociedade capitalista, com frequência, proclama sua enorme estima pela cultura e pelas artes. Entretanto, também, há um senso estrito do que a apreciação apropriada das artes deveria envolver. O prestígio da leitura costuma estar associado à aquisição de conhecimento técnico, à obtenção de qualificações avançadas nas humanidades, ao conhecimento de detalhes históricos e a respeito dos cânones. De modo insólito, o que, em geral, não somos encorajados a fazer é conectar as obras da cultura com o que há de mais íntimo em nossas próprias vidas. Há os que considerem vulgar buscar consolo pessoal, encorajamento ou até mesmo diversão na cultura. Curiosamente, o poder da cultura aparece, na verdade, quando contamos com ela na busca de crescimento pessoal. Talvez, em vez de nos concentrarmos no que uma obra de arte poderia nos dizer sobre o tempo e o lugar em que foi feita ou sobre a pessoa que a criou, devêssemos desenvolver a confiança para conectar obras-primas culturais com nossos próprios dilemas e sofrimentos.



Esse impasse acerca do tratamento designado à cultura e, por consequência, à leitura, em escolas em aulas de Português ou de Literatura, pode minar o verdadeiro interesse do estudante. É normal e humano que, ao ter sua realidade ignorada e seus gostos e anseios desprezados, a criança passe a enxergar a literatura como um mero dever. É necessário encontrar o melhor entre esses dois mundos: uma literatura prazerosa, própria para suas realidades, mas que, ao mesmo tempo, seja também algo de qualidade, que instigue, que provoque, que lhes ensine algo sobre eles próprios e sobre outros mundos.

Proporcionar material relevante de leitura desde a educação básica é uma ótima ferramenta para auxiliar na formação de mentes críticas e com sede crescente de conhecimento. É estimulante para a criança conversar sobre a leitura de livros literários e, portanto, o professor pode usar a conversa como uma ferramenta pedagógica. É disto que o enfoque “Diga-me” trata: como colocar a criança em sessões de conversas literárias?

*Juliana Chieregato Pedro*

## **Referências**

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

# Introdução

---

Nossa era é a da conversa. Nunca se falou tanto. O telefone, os blogs, as mensagens de texto digitais e em áudio, o rádio, a televisão e o cinema aumentaram nossas oportunidades de falar um com o outro não somente quando estamos juntos, mas transpondo a distância e o tempo. Costumava-se ensinar a ver as crianças, não a ouvi-las. Agora, adultos são criticados por não ouvirem suficientemente as crianças, que são encorajadas a expressar suas opiniões dentro e fora das escolas.

Nos dias atuais, todos somos julgados pelo quanto somos articulados – não que falemos melhor ou ouçamos com mais cuidado do que pessoas em tempos menos voláteis.

“Diga-me” foi feito para ajudar crianças a falar bem (o que quero dizer com “bem” ficará mais aparente, assim espero, ao longo do caminho), e falar bem não apenas sobre livros, mas sobre qualquer texto, desde signos de uma só palavra até a escrita que chamamos de literatura, gênero textual no qual me concentrarei.

Não me interesso na fala por ela mesma, mas na parte dela que atua na vida de pessoas que discriminam, que pensam e que amam leitura. Também creio que a conversa é essencial em nossas vidas, não somente porque a maioria de nós é como no ditado *não sabemos o que pensamos até que ouçamos o que falamos*, contanto, é claro, que saibamos falar bem, em vez de simplesmente despejar palavras em uma mistura impensada que não nos leva a lugar algum.

Falar bem sobre livros é uma atividade valiosa por si só, mas é também a melhor forma de ensaio que há para falar sobre outras coisas. Então, ao ajudar crianças a falar sobre suas leituras, nós as ajudamos a se articularem sobre todos os outros assuntos de suas vidas.

Na era da conversação, o que poderia ser mais útil?

Uma vez visitei uma classe de crianças de 10 anos de idade no Canadá que falavam tão bem sobre suas leituras, que um educador admirado pediu à professora suas anotações. “Bom”, ela respondeu, “se levar a mim e a todos os livros dessa sala, e deixar-me fazer com suas crianças o que fiz com essas nos últimos meses, você terá minhas anotações.”

Ensinar leitores, sejam adultos ou crianças, como falar bem não é algo que se alcance em poucos dias. Nem é também uma troca comercial programática que pode ser expressa em lições mecânicas, com passos um, dois e três, que qualquer um pode usar com sucesso. Até escrever extensivamente sobre isso não é satisfatório. O fato é que aprendemos a falar bem ao fazê-lo com pessoas que já o saibam, assim como a melhor forma de aprender a ensinar é trabalhando com professores experientes. Como leitores, assim como falantes, professores são todos aprendizes. Assim também o é com todas as atividades de execução baseadas em criação artesanal, a única coisa útil que posso fazer é delimitar as regras desenvolvidas por praticantes experientes, explicar alguns dos processos e oferecer informações práticas. O resto (arte e essência) somente pode ser aprendido ao fazer-se. Não há uma forma rápida e não há outra forma que não seja a prática.

Pela minha experiência, posso afirmar que a melhor forma é começar por nós mesmos, como leitores e falantes. Estive uma vez em um pequeno grupo de professores que objetivavam melhorar nosso ensino de crianças como leitoras, quando descobrimos o quão importante é a conversa nesse processo. Disso, desenvolveu-se o que se tornou conhecido como o enfoque “Diga-me”.

Por favor, note: um enfoque – não um método, não um sistema, não um programa esquemático. Não se trata de um rígido conjunto de regras, mas, simplesmente, de um modo de perguntar questões particulares que cada um de nós pode adaptar para melhor combinar com nossa personalidade e as necessidades de nossos estudantes.

Este livro cresceu dessa base, refinado e expandido por maiores trabalhos realizados por mim e por outros professores que me reportaram suas experiências – desde aqueles que trabalhavam no ensino infantil até os da educação primária, secundária, universitária, orientadores de pós-graduação e professores em serviço.

Claro que todo ensino prático necessita ser cuidadosamente embasado em teoria. O enfoque “Diga-me” nasceu de lições aprendidas no estudo da fenomenologia da leitura (Wolfgang Iser nos ajudou aqui), junto com a teoria da recepção, os *insights* da teoria crítica feminista (especialmente o que é dito sobre discurso cooperativo) e os escritos de vários pensadores, incluindo, em especial, Roland Barthes, Jonathan Culler, Jerome Bruner, Margaret Meek e Wayne C. Booth.

Mais um ponto a ser introduzido: há uma correlação entre a riqueza do ambiente de leitura em que os leitores vivem e a riqueza de suas falas sobre o que leram. Como explicado na Parte Um<sup>1</sup>, as crianças são cercadas por livros bem escolhidos e arrumados, lidos para elas em voz alta todos os dias, e delas espera-se que leiam por si mesmas, encorajadas a bater papo entre elas e seus professores sobre suas leituras, bem-preparadas para entrarem em conversas formais no enfoque que aqui pensamos. Aqueles para quem não é dada a devida atenção, em geral, não respondem tão prontamente ao enfoque “Diga-me”.

Qualquer professor que mergulhar de cabeça em sessões do enfoque “Diga-me” e descobrir que as coisas não vão tão bem, não deve culpar a abordagem antes de considerar o histórico de leitura e do ambiente dos estudantes, bem como o do professor envolvido.

---

<sup>1</sup> Explicação dada na nota de tradução. (Nota da Tradutora)